

**SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO,**  
**Preparação para a morte.**

**CONSIDERAÇÃO XVII**

**Abuso da divina misericórdia**

*Ignoras quoniam benignitas Dei ad pœnitentiam te adducit?*  
*Não sabes que a benignidade de Deus te convida à penitência? (Rm 2,4)*

**Ponto I**

Lê-se na parábola do joio que, tendo crescido num campo essa má erva juntamente com a boa semente, os servos quiseram arrancá-la (“*Vis, imus, et colligimus ea?*” Mt 13,29). O Senhor, porém, lhes objetou: “Deixai-a crescer; mais tarde a arrancaremos para lançá-la ao fogo – *In tempore messis dicam messoribus, colligite primum zizania, et alligate ea in fasciculos ad comburendum.*” (Mt 13,30). Infere-se desta parábola, por um lado, a paciência de Deus para com os pecadores, e por outro o seu rigor para com os obstinados.

Diz Santo Agostinho<sup>1</sup> que o demônio seduz os homens por duas maneiras: “Com desespero e com esperança – *Desperando, et sperando*”. Depois que o pecador cometeu o delito, arrasta-o ao desespero<sup>2</sup> pelo temor da justiça divina; mas, antes de pecar, excita-o a cair em tentação pela esperança na divina misericórdia. É por isso que o Santo nos adverte, dizendo<sup>3</sup>: “Depois do pecado tenha esperança na divina misericórdia; antes do pecado tema a justiça divina – *Post peccatum spera misericordiam; ante peccatum pertimesce iustitiam*”. E assim é, com efeito. Porque **não merece a misericórdia de Deus aquele que se serve da mesma para ofendê-lo**. A misericórdia é para quem teme a Deus e não para o que dela se serve com o propósito de não temê-lo.

Aquele que ofende a justiça — diz o Abulense<sup>4</sup> — pode recorrer à misericórdia; mas a quem pode recorrer o que ofende a própria misericórdia?

Será difícil encontrar um pecador a tal ponto desesperado que queira expressamente condenar-se. Os pecadores querem pecar, mas sem perder a esperança da salvação. Pecam e dizem: Deus é de misericórdia; mesmo que agora peque, mais tarde confessar-me-ei. “*Bonus est Deus, faciam quod mihi placet*”,

---

<sup>1</sup> SANTO AGOSTINHO, *In Ioan. Evang.*, tr. XXXIII, n. 8; *PL* 35, 1651: “Ex utroque igitur homines periclitantur, et sperando et desperando, contrariis rebus, contrariis affectionibus”. Cfr. *CC* 36, 310.

<sup>2</sup> Talvez seja uma citação implícita Louis DE BLOIS, O.S.B. (Blosius), *Paradisus animæ fidelis*, c. 2, n. 4; *Opera*, Antverpiæ 1632, 5, col. 2: “Diabolus hoc malignitatis dolo fere uti consuevit, ut ei qui peccare statuit, ipsum Dominum clementissimum et misericordissimum esse polliceatur: ubi vero peccato admissio pœnitentiam agere voluerit, iam illum implacabilem nimiumque severum esse modis omnibus suadeat. Sed audiendus non est callidus impostor”.

<sup>3</sup> O conceito está presente no hiponense: SANTO AGOSTINHO, *In Ioan. Evang.*, tr. XXXIII, n. 7; *PL* 35, 1650: “Intendant ergo qui amant in Domino mansuetudinem, et timeant veritatem. Etenim dulcis et rectus Dominus (Ps 24, 8). Amas quod dulcis est, time quod rectus est”. Cfr. *CC* 36, 309. Beato Gennaro Maria SARNELLI, *La via facile, e sicura del paradiso*, p. II, cons. 44; I, Napoli 1738, 328, atribui o texto a São Jerônimo, sem indicar a obra: “Dice s. Girolamo: Sperate nella misericordia di Dio per li peccati passati. Ma temete l'ira di Dio per li peccati futuri”.

<sup>4</sup> Alonso TOSTADO (ABULESIS), *In Exodum*, c. IX, q. 8; c. XXXIII, q. 18; *Opera*, Venetiis 1596, 58, col. 4; 160, col. 1. Veja também: *In Matth.*, c. XVIII, q. 140; 170, col. 1.

assim pensam os pecadores, diz Santo Agostinho<sup>5</sup> (*Tract. 33. in Io.*). **Mas, meu Deus, assim pensaram muitos que já estão condenados.**

“Não digas — exclama o Senhor — a misericórdia de Deus é grande: meus inumeráveis pecados me serão perdoados com um ato de contrição – *Et ne dicas: miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur*” (Ecl 5,6). Não faleis assim — nos diz o Senhor — e por quê? “Porque sua ira está tão pronta como sua misericórdia; e sua cólera fita os pecadores – *Misericordia enim, et ira ab illo cito proximant, et in peccatores respicit ira illius*” (Ecl 5,7). **A misericórdia de Deus é infinita; mas os atos dela, ou seja, os de comiseração, são finitos.** Deus é misericordioso, mas também é justo. “Sou justo e misericordioso *Ego sum iustus, et misericors* — disse o Senhor a Santa Brígida,<sup>6</sup> — e os pecadores só pensam na misericórdia – *peccatores tantum misericordem me existimant*”. Os pecadores — escreve São Basílio<sup>7</sup> — só querem considerar Deus pela metade: “**O Senhor é bom; mas também é justo. Não queirais pensar Deus pela metade** – *Bonus est Dominus, sed etiam iustus; nolite Deum ex dimidia parte cogitare*”. Tolerar quem se serve da misericórdia de Deus para mais o ofender — dizia o Padre Ávila<sup>8</sup> — fora antes injustiça que misericórdia.

**A misericórdia foi prometida a quem teme a Deus e não a quem abusa dela.** “*Et misericordia eius timentibus eum*” (Lc 1, 50), como cantou a divina Mãe. A justiça ameaça os obstinados, porque, como diz Santo Agostinho<sup>9</sup>, Deus que não mente nas promessas, também não mente em suas ameaças. “*Qui verus est in promittendo, verus est in minando*”.

Acautelai-vos — diz São João Crisóstomo<sup>10</sup> — quando o demônio (não Deus) vos promete a misericórdia divina com o fim de que pequeis – *Cave ne unquam*

<sup>5</sup> SANTO AGOSTINHO, *In Ioan. Evang.*, tr. XXXIII, n. 8; PL 35, 1651: «Sperando qui decipitur? Qui dicit: Bonus est Deus, **misericors est Deus, faciam quod mihi placet, quod libet**». Cfr. CC 36, 310. Cfr. ID., *Sermo XX*; PL 38, 139-140.

<sup>6</sup> SANTA BRÍGIDA, *Revelationes*, l. 1, c. 5; Coloniae Agrippinae 1628, 8, col. 2: “Omnes credunt me, et prædicant misericordem, sed quasi nullus prædicat, nec credit me esse iuste iudicantem. Iniquus enim esset iudex, qui ex misericordia iniquos dimitteret impunitos, ut iniqui iustos eo magis opprimerent. Sed ego sum iustus iudex et misericors”.

<sup>7</sup> SÃO BASÍLIO MAGNO, *Regulæ fusius tractatæ*, Prooemium, n. 4; PG 31, 898: “Misericors quidem est, sed et iudex... Misericors enim Dominus et iustus. Ne igitur dimidia ex parte Deum cognoscamus neque ipsius benignitas ignaviæ nobis occasio sit”.

<sup>8</sup> SÃO JOÃO D’ÁVILA, *Lettere spirituali*, p. III, lett. 12 ad un suo discepolo predicatore, Roma 1668 (trad. B. Nicolucci), 64: “Come perdonerá Iddio a chi l’ha offeso, e se ne ride, e non tiene rimorso nel suo cuore d’aver disprezzato il suo Padre, Dio, e Signore? Non sarebbe questa misericordia, ma un mancamento di giustizia; e cosa molto contra ragione, che a Dio non conviene, le cui opere sono giudizio, peso e misura”.

Cfr. SÃO JOÃO D’ÁVILA, *Obras completas*, I, *Epistolario*, III parte, carta 167 a un su discípulo predicador; Madrid 1952, 828: “Cómo perdonará Dios a quien le ha ofendido y se ríe y no tiene pellizco en su corazón de haber despreciado a su Padre, Dios y Señor? No sería esto misericordia, sino falta de justicia, y cosa muy contra razón, cual a Dios no conviene, cuyas obras son juicio, peso y medida”.

<sup>9</sup> PSEUDO-AGOSTINHO, *De vera et falsa pœnitentia*, c. VII, n. 18; PL 40, 1119: “Qui verus est in promittendo, verus est in minando”. Esta obra, outrora atribuída a Santo Agostinho, pertence a um autor do século XI (cfr. Glorieux, 29).

<sup>10</sup> Pietro GISOLFO, *La guida de' peccatori*, p. I, disc. VI; 1, Napoli 1694, 160: «Osserva con che parole te n'ammonisce s. Giovan Climaco: Cave ne unquam canem illum suscipias, qui misericordiam Dei pollicetur». Cfr. SÃO JOÃO CLÍMACO, *Scala paradisi*, gradus VI; PG 88, 795: “Tu vero lugens nequaquam admittas canem illum Tartareum, qui Deum benignum et clementem esse suggerit...; hoc enim studet ut luctum et timorem Domini, qui veram parit securitatem abs te excludat”. Na

*canem illum suscipias, qui misericordiam Dei pollicetur*” (Hom. 50. ad Pop. Antioch.)

Ai daquele — acrescenta Santo Agostinho — que para pecar confia na esperança!...<sup>11</sup>: “*Sperat, ut peccet; væ a perversa spe*” (In Ps. 144). A quantos essa vã ilusão tem enganado e levado à perdição. “*Dinumerari non possunt, quantos hæc inanis spei umbra deceperit*”<sup>12</sup>. Desgraçado daquele que abusa da bondade de Deus para ofendê-lo mais!...

Lúcifer — como afirma São Bernardo<sup>13</sup> — foi castigado por Deus com tão assombrosa presteza, porque, ao rebelar-se, esperava não ser punido. O rei Manassés pecou; converteu-se em seguida, e Deus o perdoou. Mas para Amon, seu filho, que, vendo quão facilmente seu pai havia conseguido o perdão, entregou-se à má vida com a esperança de também ser perdoado, não houve misericórdia. Por essa causa — diz São João Crisóstomo<sup>14</sup> — Judas se condenou, porque se atreveu a pecar confiando na clemência de Jesus Cristo – “*Fidit in lenitate magistri*”. Em suma: se Deus espera com paciência, não espera sempre. Pois, se o Senhor sempre nos tolerasse, ninguém se condenaria; ora, é larga a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ele – “*Lata porta et spatiosa via est, quæ ducit ad perditionem, et multi intrant per eam*” (Mt 7,13). **Quem ofende a Deus, fiado na esperança de ser perdoado, “é um escarnecedor e não um penitente – *irrisor est non pœnitens*”, diz Santo Agostinho<sup>15</sup>.**

Por outra parte, afirma São Paulo que de “Deus não se pode zombar – *Deus non irridetur*” (Gl 6,7). E seria zombar de Deus continuar a ofendê-lo, sempre que quiséssemos e depois pretender ir para o paraíso. Quem semeia pecados, não pode esperar outra coisa que o eterno castigo no inferno – “*Quæ enim seminaverit homo, hæc et metet*” (Gl 6,8). O laço com que o demônio arrasta quase todos os cristãos que se condenam é, sem dúvida, esse engano com que os seduz, dizendo-lhes: “Pecai livremente, porque, apesar de todos os pecados, haveis de salvar-vos”.

O Senhor, porém, amaldiçoa aquele que peca na esperança de perdão<sup>16</sup> – “*Maledictus homo qui peccat in spe*”.

mesma página, Gisolfo cita: “Talis est diabolus: omnia arte non ex directo prætendit, ne caveamus (SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, hom. 50 ad pop. Ant.)”. Foi um equívoco de transcrição da parte de Santo Afonso, que atribui ao Crisóstomo um texto que pertence ao Clímaco.

<sup>11</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*. CXLIV, n. 11; PL 1877: “Audi et vocem sperantis: Misericordia Domini magna est: quando me convertero, dimittet mihi omnia: quare non facio quidquid volo? Desperat, ut peccet; sperat, ut peccet. Utrumque metuendum est, utrumque periculosum. Væ a desperatione! væ a perversa spe”. Cfr. CC 40, 2096.

<sup>12</sup> PSEUDO-AGOSTINHO, Sermo 154, *De Passione Domini et de beato latrone*, n. 9; PL 39, 2040: “Immittit diabolus securitatem ut inferat perditionem: neque dinumerari possunt, quantos hæc inanis spei umbra deceperit”. No apêndice das obras de Santo Agostinho, mas é de GALLICANUS (cfr. *Clavis*, 368).

<sup>13</sup> SÃO BERNARDO, *Tractatus de gradibus superbiæ*, n. 36; PL 182, 962: “Dei bonitatem attendens, dixisti in corde tuo: Non requirer (Ps. X, 13); propter quod, o impie, Deum irritasti”. Cfr. *Ibid.*, nn. 31-33.

<sup>14</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthæum homilia* 83, n. 2; PG 58, 748: “Confidebat in lenitate magistri: quod maxime illum confundere debuit, et venia omni privare, quod tam mansuetum magistrum prodiderit”.

<sup>15</sup> PSEUDO-AGOSTINHO, *Ad fratres in eremo*, Sermo 11; PL 40, 1255: “Numquid et qui dissimulat, irrisor est, et non pœnitens, qui adhuc agit quod pœnitet” (Glorieux, 31).

<sup>16</sup> L. SABATINO, *Cito cotidiano*, med. VII; Montefiascone 1721, 87: “Bisogna... che facciamo opere buone, per ravvivare in noi la speranza della divina misericordia, ed acciocché questa non sia

A esperança depois do pecado, quando o pecador deveras se arrepende, é agradável a Deus, mas a dos obstinados lhe é abominável - *Et spes illorum abominatio*" (Jó 11. 20).

Tal esperança provoca o castigo de Deus, assim como seria passível de punição o servo que ofendesse a seu patrão, precisamente porque é bondoso e amável.

#### AFETOS E SÚPLICAS

Meu Deus! Eis aqui um dos que vos têm ofendido porque éreis bom para mim!... Ó Senhor, esperai-me ainda. Não me abandoneis, pois espero, com o auxílio de vossa graça, não tornar a dar-vos motivo para que me deixeis. Arrependo-me, ó Bondade infinita, de vos ter ofendido, cansando vossa paciência.

Agradeço-vos por me terdes esperado até agora. De hoje em diante não tornarei a ser, como hei sido, um miserável traidor. Já que tendes esperado para ver-me convertido em fervoroso amante de vossa bondade, crede, como espero, que esse dia ditoso já despontou. Amo-vos sobre todas as coisas; estimo a vossa graça mais que todos os reinos do mundo, e a perdê-la preferira perder mil vezes a vida. Meu Deus, por amor de Jesus Cristo, concedei-me, juntamente com vosso santo amor, o dom da perseverança até à morte. Não permitais que de novo volte a trair-vos ou deixe de vos amar.

E vós, Virgem Maria, minha esperança, alcançai-me a perseverança final e nada mais vos peço.

---

temeraria, e cada sopra di noi la maledizione dello Spirito Santo: *Maledictus homo, qui peccat in spe*, bisogna risolversi a mutar vita". Veja também Giovanni Domenico MANSI, *op. cit.*; III, 293, col. 2: "Est enim irrefragabilis illa Spiritus Sancti sententia: Maledictus, qui peccat in spe". Talvez provenha de São Bernardo, *In Ps. Qui habitat*, serm. I, n. 2; *PL* 183, 187: "Sunt... quia sic de misericordia eius sibi ipsis blandiuntur, ut a peccatis suis non emendentur... Contra hos propheta: Maledictus, inquit, qui peccat in spe". *Ibid.*, sermo II, n. 3: "Non desperabo, nec frustra sperabo, quia maledictus qui peccat in spe". O texto citado parece bíblico, mas não é. Provavelmente São Bernardo.